



REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fundada em Maio de 1932 — pelo General NEWTON CAVALCANTI

ÓRGÃO OFICIAL DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO - Urca - Telefone 26-2375
Rio de Janeiro - Brasil

Diretor Geral — Ten. Cel. OTAVIO SALDANHA MAZZA
Diretor — Cap. HORÁCIO CÂNDIDO GONÇALVES
Redator Chefe — Cap. ANTÔNIO PEREIRA LIRA
Gerente — Cap. ANTÔNIO LUIZ DE BARROS NUNES
Revisor — 1.º Ten. AIRTON SALGUEIRO DE FREITAS

ANO VI — OUTUBRO DE 1938 **N. 43**
EDITA-SE NO INÍCIO DE CADA MÊS
Preço: último número, 1\$500; atrasados, 2\$000

Toda a correspondência deve ser endereçada à Revista de Educação Física, sem mencionar nome ou função

Preços: sob registro: 20\$000; porte simples: 15\$000.

As assinaturas constam de 12 números, são pagas adiantadamente e começam com o número a ser editado.

O Sgt. Aj. AUGUSTO LOPES DA SILVA é o único cobrador autorizado desta Revista

A visita do General Quiroga, Chefe do Estado Maior Argentino à E. E. F. E.

ORAÇÃO PRONUNCIADA PELO GENERAL PEDRO CAVALCANTI, POR OCASIÃO DA VISITA DO SR. GENERAL QUIROGA À ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO

Cabe-me neste momento a honrosa incumbência de saudar a V. Exa. Sr. General Quiroga — e agradecer a gentileza da sua presença nesta Escola.

Regosijo-me por esta nova oportunidade de me dirigir à alta personalidade do chefe do E. Maior do Exército Argentino, que a nação brasileira acolhe entre sinceras expansões de entusiasmo e carinho.

Abrimos os braços para recebê-lo e seus ilustres companheiros de comitiva porque está no nosso coração o sentimento de fraternidade que nos dita essa atitude acolhedora do nosso afeto.

Estamos num recinto em que a mocidade militar do Brasil respira em haustos profundos o oxigênio da própria vida, o que está acima da terra e o que sopra do mar, e tempera o seu vigor físico no sentido de uma mentalidade sã.

Só pensam para o bem e assim constroem os que, através do aperfeiçoamento das suas condições físicas, adquirem a saúde moral.

Só esta pode alimentar o ambiente de fraternidade necessário aos corações dos que, servindo ao Exército, servem à Pátria comum na expressão da sua unidade como força viva organizada para a sua defesa e segurança.

Não venho dizer a V. Exa. o que é e significa este estabelecimento de ensino. V. Exa. verá pelos seus próprios olhos — o que ele representa em organização e eficiência e sentirá então a obra que ele realiza e que se estende além dos seus muros.

O que eu desejo, porém, é encarecer a visita de V. Exa. a um dos nossos numerosos centros de estudos e de aperfeiçoamento.

A atuação construtiva nos exércitos não alcançaria êxito no ponto de vista da formação da mentalidade dos quadros se não colocássemos a cultura, nos seus diferentes aspectos à base dos nossos desígnios e propósitos.

A cultura — eis tudo. Sobretudo a cultura do espírito sob a condição prévia do homem fisicamente sã e forte. São as razões de confiança do soldado em si mesmo que exigem êsse processo de formação.

Sem essa confiança intrínseca não há trabalho que frutifique. A cooperação resulta de um estado coletivo de ânimo, mas a parcela de cada um resulta da confiança no esforço próprio.

Os exércitos que assim se formam tornam-se elementos de coesão dentro de cada país, porque passam a valer como força educativa.

No Exército Argentino, como no Exército Brasileiro, é êsse o rumo visível que se distingue.

E por isso é que em ambas as nações irmãs, tão estreitamente vinculadas através do tempo e dos fatos históricos, encontra realmente o espírito público nas instituições armadas um elemento propulsor da civilização, que não existe sem os assentes de ordem e o princípio da disciplina.

Só dentro nesse rumo operam as forças armadas como fator moral decisivo na obra educativa da coletividade.

Povos de tendências e tradições iguais no sentido da paz, o que com a educação militar procuramos é certamente interessar a consciência do cidadão nos destinos da Pátria para a sua maior fortuna, e pela glória e lustre da sua bandeira.

E' o desvelo pela terra, é o sentimento de amor pela gente, sob o animo viril da disciplina no cumprimento do dever, que é ela a expressão do espírito de ordem sem o qual povo algum logra progredir.

Eis a razão por que — eminente Sr. General Quiroga — divisamos nas forças armadas apenas uma forma dessa pujança necessária à existência moral dos povos. São elas o engenho propulsor, em que reside a fortaleza do próprio espírito como síntese das nossas próprias virtudes coletivas.

Recebam V. Exa. e os membros da sua comitiva, oficiais do maior brilho pela sua capacidade e valor, nossas boas vindas a esta casa e os votos que fazemos pela cordialidade fraternal crescente das nossas relações, já estreitadas pelas simpatias recíprocas vindas de tão longa data e através tantas gerações.

As gerações se sucedem, algumas parecem sucumbir às ruínas do seu tempo, mas é certo que há um fio que não se rompe e eterno atravessa os séculos e os vincula; é a tradição do gênio de cada povo, com que a história escreve as suas páginas imortais porque é a única fisionomia que a idade não altera.

As nossas tradições — Sr. General — se confundiram quando a aurora da liberdade raiou na terra da America e as tivemos por anos afóra fundidas nos mesmos anelos e quando juntos peito a peito na mesma frente demos o nosso sangue ainda pela liberdade de viver.

Marchemos, lado a lado, incendiados por esse ideal comum de liberdade, que é também o sentimento inato da justiça e da concórdia, e velemos pela união sagrada das armas argentinas e brasileiras, em bem desse legado de amor à paz e ao direito, que passaremos intangível às gerações futuras para que continuem e não sossobrem ante a tormenta que ameaça o mundo lá distante entre nuvens pejudadas de negro e que parecem prestes a desabar.

Levanto, nesse sentido, o meu brinde ao Exmo. Sr. General Quiroga, personalidade de mais alto relêvo pelas suas virtudes e pela sua inteligência.